

A UNIVERSIDADE CATÓLICA E A RESTAURAÇÃO DA IGREJA

Aluno: André Mesquita Penna Firme

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

A PUC-Rio tem, como uma de suas características principais, a integração entre ensino e pesquisa, assegurando sempre inovação e excelência no que tange o campo acadêmico, tanto nos cursos de graduação como de pós-graduação e extensão. Isso possibilitou à Universidade um status de pioneirismo, estando muitas vezes à frente de inovações e melhorias internas e externas aos *campi* universitários.

Foi nesse sentido que, em 2006, no contexto da comemoração de 40 anos de diversos programas de pós-graduação, a Vice-Reitoria Acadêmica teve a iniciativa de criar o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio. O Núcleo tinha como objetivo recolher material de acervos particulares e dos departamentos acerca dos programas de pós-graduação e pesquisa, catalogá-los e publicá-los em um site (www.puc-rio.br/nucleodememoria). Em 2008, o núcleo foi ampliado e passou a tratar de toda a memória universitária, se tornando o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Núcleo se pretende, portanto, lugar de memória e identidade da Universidade. Seu acervo digital não é estático, mas vivo e dinâmico, sempre atualizado e ressignificado, disponível a qualquer um que necessite recorrer à história da instituição. Disponível à comunidade, ele é referência da memória institucional para toda a PUC-Rio e para pesquisadores de outras instituições e núcleos de pesquisa.

A equipe é coordenada pela professora Margarida de Souza Neves e pelos pesquisadores Silvia Ilg Byington, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves. Integram ainda o grupo o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica Fabio Cano Gómez, Yasmin Getirana, Matheus Lima Targuêta, Miguel Alexandre da Costa Azaldegui e André Mesquita Penna Firme.

Este Relatório Anual lista as atividades realizadas pelo bolsista André Mesquita Penna Firme no período compreendido de dezembro de 2014 a junho de 2015. Divide-se em duas partes: a primeira, o Relatório Técnico, de caráter descritivo, relata as atividades coletivas realizadas pelo grupo de pesquisa e as individuais realizadas por mim. A segunda parte consiste no Relatório Substantivo, isto é, apresenta um texto que consolida o meu trabalho de pesquisa até então.

Atividades em equipe

No período compreendido nesse relatório, o Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades em equipe:

- Consultas e assistência a pesquisadores, professores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;

- Catalogação e sistematização de documentos de material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Realização de seminários teóricos e laboratórios internos com os membros da equipe, sobre os conceitos relacionados ao projeto do Núcleo:
 1. Leitura e discussão do texto “O *Currículum Mortis* e a reabilitação da autocrítica”, de Leandro Konder. A equipe refletiu em conjunto sobre o texto como uma forma de prestar-lhe homenagem, em decorrência de seu falecimento. Realizado em 17 de dezembro de 2014;
 2. Laboratório de análise da ata da 1ª sessão do Conselho de Desenvolvimento, da PUC-Rio, realizada em 1969, tendo como base a leitura prévia do texto “*Sinais: Raízes de Um Paradigma Indiciário*”, do historiador Carlo Ginzburg (Ginzburg, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, 1989. p.143-179), realizado nas reuniões dos dias 30 de março de 2015 e 06 de abril de 2015;
 3. O Seminário “Leitura e fichamento”, conduzido pela professora Margarida de Souza Neves, que teve como objetivo a reflexão acerca de temas como leitura, escrita e estudo. Realizado em janeiro de 2015
 4. “Igrejas na história”. Visita à igreja Sagrado coração de Jesus na PUC-Rio, a fim de iniciar o trabalho acerca de uma publicação a pedido da Reitora da Universidade sobre as obras de arte da igreja. Após a visita, a profa. Margarida realizou uma apresentação em PowerPoint sobre as construções arquitetônicas (as igrejas medievais como o maior exemplo), as características e os elementos significativos sobre as sociedades. Realizado no dia 19 de maio de 2015
- Realização de reuniões técnicas semanais, para sistematização, organização, e discussão de projetos futuros e de tarefas do Núcleo e apresentação das pesquisas individuais para as jornadas do PIBIC;
 - Publicação e manutenção do acervo do núcleo através do website;
 - Produção da série para o Jornal da PUC “Crônicas de memória – A PUC-Rio e os 450 anos da cidade”;
 - Visita à exposição “Um passeio pelo Rio: a cidade nas andanças de Joaquim Manuel de Macedo”, no Instituto Moreira Salles;
 - Organização e projeto do Livro sobre as obras de arte da Igreja Sagrado Coração de Jesus.

Atividades individuais realizadas por André Mesquita Penna Firme

No período entre dezembro de 2014 e junho de 2015, realizei as seguintes tarefas:

I. Cadastro de metadados das fotos do acervo do Núcleo de Memória no website, edição de negativos digitalizados e digitalização de materiais diversos.

O estágio no Núcleo de Memória da PUC-Rio pressupõe, dentre outras coisas, o auxílio na catalogação e organização do acervo. Nos meses de dezembro e janeiro, o bolsista Miguel Azaldegui e eu editamos os negativos do acervo do fotógrafo Antônio Albuquerque que haviam sido digitalizados anteriormente, cortando e separando cada fotografia. A

digitalização de documentos doados ou emprestados ao Núcleo e o cadastro no site dos documentos já em formato digital foram realizados durante o período. Abaixo um exemplo de documento cadastrado no site, referente à mesa redonda “A Agenda LGBT no Congresso Nacional”, que contou com o deputado Jean Wyllys como convidado especial, em 14 de maio de 2015, e um negativo editado.



Sobral Pinto na solenidade de transmissão do cargo de reitor do pe. Mac Dowell S.J. para o pe. Laércio S.J., no Palácio São Joaquim, 1982. Fotografia Antônio Albuquerque.

II. Publicação de artigo no *Jornal da PUC*

O Núcleo de Memória publica uma série de artigos, intitulados “Crônicas de Memória”. No ano de 2015, por ocasião do aniversário de 450 anos do Rio de Janeiro, a série foi intitulada “A PUC-Rio e os 450 anos da cidade”. Publiquei, junto com a bolsista Yasmin Getirana, a crônica intitulada “Igualdade e Diferenças”, para a edição 291 de 8 de junho.

Igualdade e diferenças

Crônicas de Memória: A PUC-Rio e os 450 anos da cidade



Nos pilótis da PUC-Rio, a diversidade do Rio de Janeiro (2000)

Vários caminhos permitem pensar a relação entre diferentes culturas, práticas, grupos e classes sociais. A PUC-Rio, acompanhando uma tendência de abertura para a diferença e a interação, vem se abrindo para abraçar a sociedade em sua multiplicidade. Nesse contexto, a comemoração do aniversário do Rio de Janeiro nos faz refletir sobre o papel das pessoas que por aqui passam e que é fundamentalmente o legado que a Universidade deixa para a Cidade e para o país.

A Universidade foi criada visando à formação de uma elite intelectual católica e por muito tempo a imagem e a identidade dela esteve ligada a um grupo social restrito. Essa percepção vem sendo gradual e firmemente alterada.

Na década de 70, tem início o programa de Bolsas de Estudo e em 1994, em parceria com o Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, parte das bolsas passa a ser reservada para alunos negros e pobres. Nessa década, multiplicam-se grupos de pesquisa sobre multiculturalismo, inclusão social, questões de gênero e religiões. Com o tempo, passa-se a pensar não só a inclusão dos alunos no ensino superior, mas também nos meios que garantam a conclusão dos cursos.

Nos anos 2000, a noção de diversidade orienta as políticas acadêmicas, através do fortalecimento de ações afirmativas, da internacionalização da Universidade e dos diálogos interreligiosos e interculturais.

O que entendemos por igualdade no contexto da cultura escolar por nós herdada pressupõe homogeneidade e uniformização. Quando exclui-se a diferença, impede-se a aceitação do outro. Ainda assim, a interação entre distintas culturas, costumes, práticas e visões de mundo vem se tornando capital. Devemos lembrar de “lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem [e] lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”, como afirma o sociólogo Boaventura de Sousa Santos.

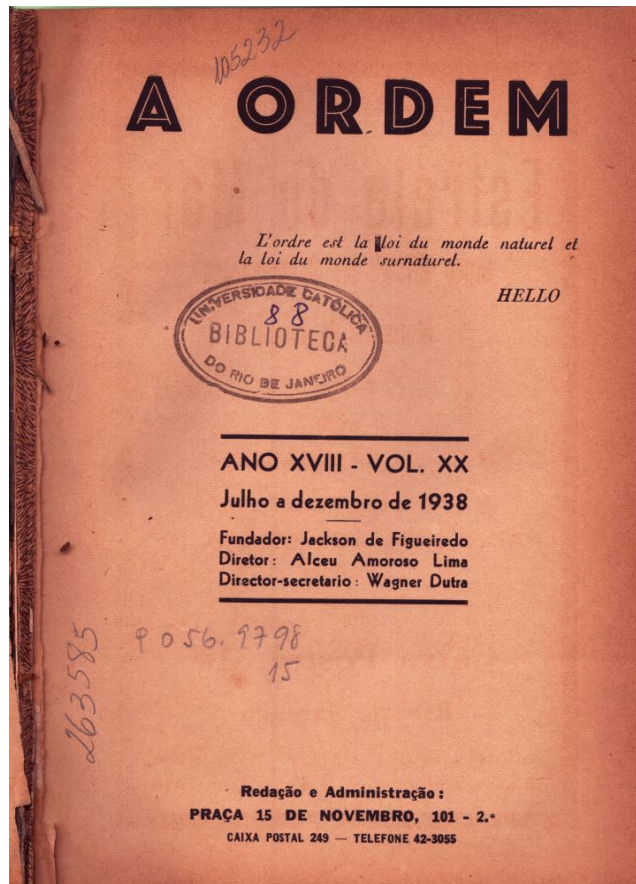
André Penna Firme

Yasmin Getirana

Núcleo de Memória da PUC-Rio

III. Digitalização de artigos da revista “A Ordem”

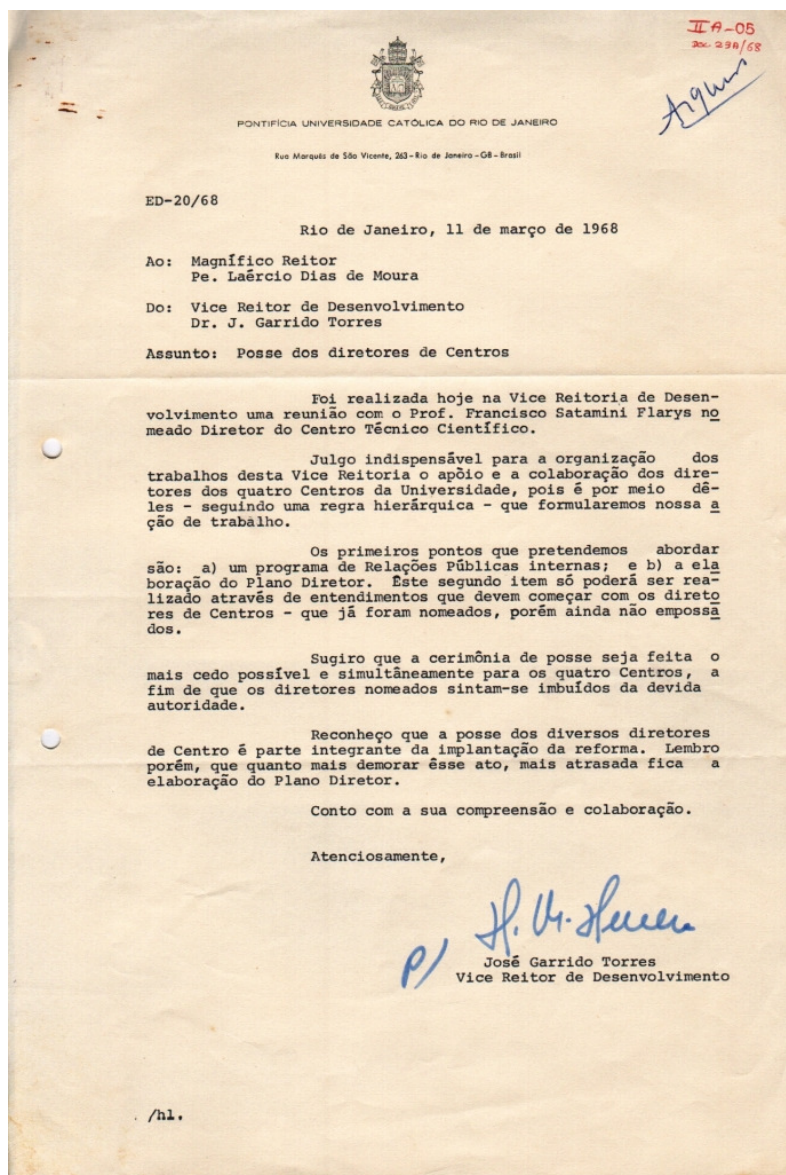
Em janeiro, por ocasião das férias da bolsista Yasmin Getirana, eu e o bolsista Miguel Azaldegui ficamos encarregados da seleção e digitalização de artigos presentes nos exemplares da revista “A Ordem”, como a segue a capa abaixo, disponíveis na Divisão de Bibliotecas e Documentação da PUC-Rio. Após a digitalização, os exemplares são enviados para reencadernação pelo Núcleo de Memória e posteriormente devolvidos à Biblioteca Central.



IV. Pesquisa sobre o economista José Garrido Torres, que foi o primeiro Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio entre 1968 e 1970.

Em janeiro de 2015 foram solicitadas pelo pesquisador e mestrando em História Social da Universidade de São Paulo, Diego Batista Penholato, informações sobre José Garrido Torres. Este economista foi o primeiro Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio e secretário do Conselho de Desenvolvimento. A partir destas informações, foram solicitadas todas as pastas relativas ao Conselho de Desenvolvimento arquivadas no acervo da Reitoria. Essas pastas abrangem o período de 1960 até os anos 2000, mas foram analisadas somente aquelas relativas ao período de 1960 a 1972. Ficaram sob minha responsabilidade, juntamente com o bolsista Miguel Azaldegui, a organização, catalogação e digitalização dos documentos selecionados, contendo atas de reuniões, cartas pessoais, telegramas e estatutos, tanto do Conselho quanto da Universidade que registram a atuação de outros membros do Conselho e da Administração Central da Universidade.

Foram encaminhados ao pesquisador Diego Penholato os documentos selecionados sobre o Garrido Torres. A próxima etapa será analisar de maneira mais abrangente a atuação do Conselho de Desenvolvimento durante sua existência. Abaixo, um exemplo de documento selecionado do acervo da Reitoria.



Carta de José Garrido Torres ao reitor Pe. Laércio, sugerindo a imediata posse dos diretores dos quatro Centros da Universidade, 1968. Acervo Reitoria da PUC-Rio.

V. Pesquisa para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio (PIBIC)

O estágio no Núcleo de Memória inclui também a pesquisa para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio. Iniciei minha pesquisa buscando artigos, livros e publicações referentes ao movimento de restauração da Igreja Católica. Ao longo da pesquisa, meu trabalho foi tomando forma de um esboço do panorama geral da Igreja Católica, principalmente entre os anos 1928 – quando Alceu Amoroso Lima se torna diretor do Centro Dom Vital, no evento da morte de Jackson de Figueiredo – e 1940 – com a fundação das Faculdades Católicas. Com a orientação dos pesquisadores do Núcleo de Memória, o trabalho tomou como foco a fundação da Universidade Católica no contexto de restauração da Igreja Católica, partindo de um contexto geral e abordando questões como a formação de espaços católicos e o papel da cidade do Rio de Janeiro nas dinâmicas sociais e intelectuais desse período. A partir de uma bibliografia secundária e de algumas leituras de cunho teórico, elaborei o texto a seguir.

Relatório Substantivo

A UNIVERSIDADE CATÓLICA E A RESTAURAÇÃO DA IGREJA

Aluno: André Mesquita Penna Firme

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

I - Introdução

No dia 15 de março de 1941 a Igreja Católica comemorava uma grande conquista. No salão do Colégio Santo Inácio, às nove horas e meia, tinha início a solenidade de instalação dos cursos das Faculdades Católicas. Naquele momento convergiam interesses e projetos há muito planejados e colocados em prática pelo episcopado brasileiro. A fundação, um ano antes, da Sociedade Civil “Faculdades Católicas”, núcleo da futura Universidade Católica do Rio de Janeiro é filha de uma ação da Igreja para reconquistar espaços que colocassem a sua agenda para o Brasil em posição de interesse e de destaque nos debates que envolviam Estado e sociedade naquele momento sobre os caminhos de modernização do país. A solenidade simples e austera, mas de grande importância e reconhecido impacto na configuração social da época, refletia a Universidade que fundava. O evento contou com a presença de algumas figuras públicas de grande atuação e prestígio, como o cardeal Dom Sebastião Leme, o Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, Alceu Amoroso Lima e o Núncio Apostólico.

A fundação das Faculdades de Filosofia e de Direito foi um marco importante na história da educação brasileira. Fundada no âmago da elite carioca, a futura Universidade Católica surgia, segundo seus idealizadores, com o propósito de formar jovens não só academicamente, mas em termos morais, éticos e civis. Esse evento, antes de tudo, é aqui tomado como indício, no sentido que Carlo Ginzburg dá ao termo, de “uma realidade mais profunda”[1], neste caso, do que ocorria na Igreja Católica e o que estava em jogo no Brasil. A formação de uma elite intelectual católica leiga não era desejo recente, ao contrário, era tema de incessantes debates e frentes de militância. A partir da década de 1920, o Brasil viu tomar forma um movimento por parte da Igreja de recuperação de certos espaços de atuação política e social que havia gradualmente perdido em decorrência do processo de laicização política e do afastamento paulatino da classe intelectual em relação aos ideais católicos. É no seio desse movimento de Restauração da Igreja que surgem as Faculdades.

No Anuário de 1941, a Universidade Católica, que tinha seu primeiro passo expresso nas Faculdades nascentes, é descrita como “um grande centro de irradiação doutrinária” [2]. O Padre Leonel Franca, fundador e primeiro reitor da instituição, afirma que “a Universidade é essencialmente *transmissora* de cultura”, e que sua missão é “formar o homem superiormente culto”, pois são esses “homens privilegiados a quem a Providência confiou a missão de iluminar” os criadores de cultura [3].

Ao analisar o que é dito desta instituição por aqueles que a projetaram, é possível apreender como a Igreja percebe a sociedade e seu lugar nesta, suas principais preocupações e, principalmente, seus meios de atuação após a separação de Igreja e Estado ocorrida na República. É de capital importância entender o que se passa no episcopado e qual é o projeto de Brasil ao qual a instituição vem atender, bem como a forma através da qual este projeto busca ser realizado.

É preciso entender a fundação da Universidade como apenas parte de um movimento maior da Igreja para reconduzir o país a um rumo cristão. Ao mesmo tempo, a instituição de ensino superior pode ser compreendida como o ponto alto desta reformulação do catolicismo

frente aos novos moldes da sociedade brasileira moderna. Seus aspectos principais são aqueles que o episcopado irá tratar como os mais importantes para a Restauração Católica.

Essa pesquisa teve por objetivo desenhar um breve contexto dos ideais e frentes de atuação do episcopado e do laicato católico que levaram à fundação de uma universidade. Dialogando com diversos autores, busco compreender as reivindicações da Igreja na área da educação, bem como a importância da formação de um laicato católico letrado, militante em relação às questões nacionais, nas quais levantasse a bandeira da Igreja. A compreensão do lugar que estes intelectuais ocupam é de extrema importância para que se possa compreender o que a Igreja esperava ao buscar a formação desta intelectualidade. Por último, é necessário entender a importância da cidade, nunca paisagem passiva dos acontecimentos que nela se inserem, como força atuante e definidora dos rumos do movimento, desde o início da Restauração, até a fundação da Universidade e além dela.

II - A Restauração Católica

A fundação de uma Universidade Católica surge, como os esplendores e as esperanças de uma aurora, na vida de um povo cristão. [4]

As palavras acima, proferidas pelo Padre Leonel Franca em sua alocução na solenidade de instalação dos cursos das Faculdades Católicas, expressam a importância que a Universidade assume no contexto em que foi fundada. A instituição surge em meio a lutas e reivindicações da Igreja Católica provenientes de um movimento, de uma nova abordagem perante à sociedade e à política, tendo à sua frente Dom Sebastião Leme como líder do episcopado brasileiro e um laicato católico, representado por, entre outros, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, cada vez mais atuante no cenário nacional. A Restauração Católica é este movimento, que, no Brasil, toma forma a partir da década de 1920, e que também é presente como uma realidade a nível internacional. Isso é visto, principalmente, nos escritos de Antonio Gramsci acerca da Igreja, que percebe a mesma na modernidade como um ator – dentre muitos - no cenário político e intelectual: “A Ação Católica assinala o início de uma época nova na história da religião católica: quando ela, de concepção totalitária, torna-se parcial e deve possuir um partido próprio” [5].

Gramsci analisa a aproximação entre a Igreja e o governo fascista que sobe ao poder na Itália no início do século, e como a mesma, ao se ver deslocada do poder e atuando como mais um grupo ideológico, busca atuação mais profunda na sociedade.

O termo Restauração é tema de uma das encíclicas do Papa Pio X, que afirma: “Proclamamos que Nós não temos nenhum outro programa no Supremo Pontificado, que não o ‘de restaurar todas as coisas em Cristo’ (Ef. I., 10), de modo que ‘Cristo seja tudo em todos’ (Coloss. Iii, 2)” [6].

Esta tomada de posição se torna lema, anos depois, do pontificado de Pio XI, a partir da década de 1920. RioldoAzzì chama atenção para o significado que carrega este termo:

É necessário precisar bem o significado do termo “restauração”. (...) trata-se, em primeiro lugar, de dar ao objeto um aspecto novo, uma nova apresentação em vista do desgaste do tempo; em segundo lugar, essa nova face deve ser moldada pelo seu aspecto primitivo. (...) O termo “Restauração Católica” tem um sentido análogo. Não se trata de introduzir novas perspectivas ou novas orientações na vida da Igreja, mas fundamentalmente em reconduzir a instituição eclesial a um modelo antigo. [7]

A Igreja, nesse sentido, irá se esforçar para que, através de uma reorganização na forma como atua na sociedade e em sua posição perante às classes dirigentes, “a fé católica volte a

ser um dos elementos constitutivos da sociedade” [8]. Desde a Revolução Francesa, o catolicismo vinha perdendo gradualmente sua influência, outrora hegemônica em países de tradição cristã, no cenário político e social, devido ao avanço das ideias liberais e laicizantes. Segundo o autor Carlos André Silva de Moura:

Desde os escritos de Leão XIII, as cartas pastorais, encíclicas e bulas papais passaram a orientar os religiosos para a sacralização da política e para a mudança de postura dos eclesiásticos em relação aos movimentos sociais, abandonando a posição defensiva da Igreja Católica para ações mais ofensivas. Os documentos destacaram a importância do clero nos debates políticos e demonstraram os ‘perigos’ de uma nação laica. [9]

O clero busca, portanto, a restauração da cristandade perdida na modernização. Esta cristandade, porém, não pode ser a mesma de outros tempos. Frente ao mundo moderno, a Igreja precisa reformular seus paradigmas e atuar de forma a constituir uma nova cristandade através da moralização e da hierarquia eclesiástica. A Igreja, considerada essencialmente como uma organização eclesiástica, não estaria mais atrelada diretamente ao Estado, mas constituir-se-ia um regime de mútua colaboração entre ela e o poder vigente. Buscava-se, como defende Azzi, uma neocristandade [10], na qual a ordem seria retomada através da comunhão em Cristo e as forças liberais seriam derrotadas. No Brasil, essas forças serão mais sentidas a partir de 1890, quando o regime republicano, de cunho positivista, instaura um governo laico e se desvincula da Igreja.

III - Breve Histórico

Eu conto, Senhores, entre as felicidades de minha vida, a de ter podido assistir à vitória deste dia, depois de ter acompanhado a rude peleja que a ela nos conduziu. [11]

A “rude peleja” a que Afonso Penna Júnior se refere é, possivelmente, muito maior até mesmo do que a noção que ele tinha desta. O movimento no qual a instituição nascente se insere pode ser traçado desde muito antes que o próprio projeto das Faculdades Católicas. A Restauração tem como seu escrito fundacional a Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, de 1916. Nela, o então novo arcebispo de Olinda elabora as bases do movimento restaurador que tomaria força alguns anos depois, nos seguintes termos:

Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade. Leigas são as nossas escolas; leigo o ensino.

E conclui:

Sim, ao católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo. [12]

Essa nova posição é expressa pelo novo arcebispo de Olinda não apenas na Carta Pastoral, mas também em suas ações na arquidiocese de Olinda e Recife, como a criação de um curso superior de religião. Criou a congregação da Doutrina Cristã, que organizou 62

centros de catequese no Estado de Pernambuco, e lutou pelo catolicismo nos colégios do estado, sendo bem sucedido em setembro de 1916.

Dom Leme, na Carta Pastoral, chama a atenção para o “marasmo atrofante” no qual se encontravam os meios católicos após a proclamação da República. Com efeito, segundo Tania Salem, “os dois primeiros decênios do regime republicano são caracterizados pela letargia e passividade nos meios católicos brasileiros” [13].

Os anos iniciais da República foram peculiares para a Igreja Católica. Com sua desvinculação do Estado, ela se viu livre das restrições impostas pelo poder imperial. O país então foi aberto a inúmeras ordens religiosas, vindas principalmente da Europa. É neste momento que o ensino religioso da escola básica ganha corpo no Brasil. O aumento dos institutos religiosos masculinos e femininos é expressivo. Hospitais e colégios católicos são as principais contribuições destes institutos. Estas serão a base da ideia de uma educação católica defendida pela Igreja que será discutida mais à frente.

Esta situação inicial, ao longo das primeiras décadas da República, abrirá espaço para uma série de tensões entre os governos e o grupo religioso. Com a falta de auxílio vinda do Estado, a Igreja estreitará seus laços com a Santa Sé. A partir daí, dá-se o início do que viria a ser o movimento de Restauração. “Desse modo, a Igreja passa de uma posição declaradamente defensiva, típica da mentalidade do século XIX, para uma nova atitude de conquista espiritual do mundo” [14], afirma Azzi. O esforço do clero a partir dos anos 1920 será dirigido à busca de uma relação com o Estado não mais de vinculação direta, mas de colaboração mútua.

Esta nova posição da Igreja ganha âmbito nacional quando Dom Leme é transferido para a arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1921, chamado para ser bispo coadjutor em virtude do agravamento do estado de saúde do cardeal Joaquim Arcoverde. Segundo Azzi, “com a presença de D. Sebastião Leme na capital da República, a partir de 1921, o episcopado brasileiro ganha um novo líder” [15]. Assim, devido à força de representatividade que a cidade tinha acerca dos temas nacionais, a partir da década de 1920, a Restauração Católica tem início no Brasil. Tendo como linha ideológica a carta pastoral de 1916, o episcopado brasileiro, sob liderança de Dom Leme no Rio e com nomes como Dom Antônio dos Santos Cabral, em Belo Horizonte e Dom João Becker, em Porto Alegre, irá se armar, aliado a associações religiosas leigas, de forma a atuar numa militância em prol de seus objetivos.

Durante a década de 1920, Dom Leme empreendeu um esforço enorme de aproximação da hierarquia eclesiástica com o Estado. Os governos da fase final da Primeira República tiveram na Igreja – principalmente na figura carismática do arcebispo – uma aliada na legitimação de suas políticas e de suas instituições junto à população. Em 1924, em banquete no Itamarati em comemoração ao jubileu do cardeal Arcoverde, é explicitada a vontade do governo federal de manter relações de reciprocidade com o clero católico [16].

O ano de 1922 foi de extrema importância no cenário intelectual e político brasileiro. As comemorações do Centenário da Independência foram marcadas por manifestações das mais variadas e expressões de grupos com projetos distintos de nação. A Revolta do Forte, expressão do movimento tenentista, a Semana de Arte Moderna em São Paulo e a Criação do Partido Comunista Brasileiro são os mais expressivos dentre os inúmeros eventos que se deram neste ano. Com efeito, o poder simbólico do centenário ganhou importância mediante à crise pela qual passava a Primeira República. O modelo oligárquico-rural fundamentado na economia cafeeira enfraquecera, ao passo que uma nova burguesia, urbana, se formava. As tensões deste período se mostravam favoráveis à penetração cada vez mais marcante da ideologia católica nas classes dirigentes [17].

Não dissociado do que ocorria no Brasil, o apostolado católico vê, neste ano, a criação do Centro Dom Vital, dirigido por Jackson de Figueiredo. Criado para angariar fundos para a

revista A Ordem, fundada no ano anterior, o Centro é expressão de uma intelectualidade católica incipiente. Além dele, a Confederação Católica é fundada, no mesmo ano, e pretendia ser “um órgão coordenador e dinamizador do apostolado leigo” [18].

O Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, organizado por ocasião do Centenário da Independência, mobilizou o clero e fez questão de mostrar a força social da religião católica [19]. Do congresso saíram as assinaturas para que fosse erguida, no coração da capital brasileira, o monumento ao Cristo-Redentor, que ficaria pronto apenas nove anos depois. A construção, autorizada pelo governo federal, foi ato de inédita força e de expressivo valor simbólico.

Ao longo da década de 1920, algumas ações por parte do episcopado vão marcar a atuação do meio católico na sociedade. Eventos organizados por Dom Leme como a Páscoa dos Militares, a Semana do Catolicismo e a Semana Missionária foram os meios pelos quais a Igreja, paulatinamente, mostrou sua força no âmbito social. Ao passo da crescente visibilidade eclesiástica e proximidade de seu líder mais expressivo com o governo federal, a intelectualidade católica tomava forma a partir do Centro Dom Vital dirigido por Figueiredo que, no entanto, morreria súbita e precocemente em 1928.

Seu sucessor na presidência do Centro Dom Vital e da revista A Ordem é Alceu Amoroso Lima, escritor e crítico literário recém convertido sob a influência de Jackson. O jesuíta e reitor do citado Colégio Santo Inácio Padre Leonel Franca, a pedido de Dom Leme, assume o posto de assistente eclesiástico do Centro. A Ordem, sob a direção de Jackson, foi muito combativa. A “orientação jacksoniana” afirma Salem “– e, portanto, também do grupo que reuniu à sua volta – mais do que cultural, conforme inicialmente pretendida, foi predominantemente política” [20]. Com Alceu, a revista muda consideravelmente a abordagem, passando a se preocupar com temas de cunho mais filosófico e de cultura geral. Na edição que marca o começo da nova era da revista, escreve:

Não venho substituir meu amigo. Venho apenas suceder-lhe. (...) Nossos projetos sobre a revista serão apenas de prosseguir quanto possível na obra de criação de uma cultura católica superior, entre nós, como sempre fora o intento do nosso intrépido fundador. (...) Sendo assim, A Ordem perderá naturalmente o caráter político, que em tempo possuiu, e que só a genialidade de nosso fundador conseguia manter, nesses horizontes atormentados e sombrios dos nossos destinos. Nossa ambição é mais modesta, como mais fracas as nossas forças. A Ordem passa a ser agora uma revista católica de cultura geral, visando mais a inteligência que os acontecimentos. [21]

Essa “ambição mais modesta”, aparente a princípio, se mostra uma forma mais efetiva de apelo às camadas intelectuais. A organização do Centro Dom Vital e sua irradiação para o resto do Brasil ganham força com esta reformulação. Inúmeras agremiações surgem a partir do Centro, agora preocupado com questões muito mais amplas. Entre elas, estão a Ação Católica, a Liga Eleitoral Católica (LEC), a Associação Universitária Católica (AUC), os Círculos Operários Católicos e a Confederação Católica de Educação. Algumas instituições também surgem neste segundo momento da Restauração, como o Instituto Católico de Ensinos Superiores (ICES) e o Instituto de Educação Social e da Família. Esse ato de abertura da revista para assuntos chamados por seu diretor de “cultura geral” é o primeiro passo que permite uma abertura de campos de atuação que levariam a uma penetração maior do laicato católico na classe intelectual. A reforma realizada por Alceu Amoroso Lima é um momento de importância ímpar na trajetória da revista e também no fortalecimento do movimento restaurador capitaneado por Dom Leme.

A década de 1930 trouxe consigo mudanças profundas no cenário político-social que anunciavam ventos favoráveis à Restauração. O novo governo, instaurado pelo golpe de 1930, buscava legitimação. Dom Leme foi fundamental nesta transição, na qual ocupou importante posição conciliadora, acompanhando o presidente deposto Washington Luís para fora do Palácio da República. No ano de 1930, por ocasião da morte de Joaquim Arcoverde, Dom Leme é ordenado Cardeal. Desde seu início, o governo Vargas se mostrou aberto à colaboração com a Igreja. Várias ações por parte dos grupos católicos são bem sucedidas nesse período, como por exemplo, em 1931, quando Nossa Senhora Aparecida é coroada padroeira do Brasil. Nesse mesmo ano a estátua do Cristo Redentor é concluída. Acerca da inauguração, Alípio Casali afirma:

O prestígio de D. Leme reuniu no Rio cerca de 50 Arcebispos e Bispos para inauguração. Conforme programado, foi feita uma audiência com o presidente Vargas, em que os Bispos lhe entregaram as “reivindicações católicas” para a futura Constituição. As manifestações de massa e a reunião de 50 bispos foram exibição de força e poder de mobilização da Igreja ao Presidente. [22]

A Era Vargas começava e o clero, em consonância com o apostolado católico, mostrava sua força. A atuação do catolicismo na nova década se mostraria muito mais profunda e marcante na sociedade. O ideal hierárquico da Igreja se vê acolhido no caráter autoritário e centralizador do governo de Getúlio. Além do mais, a Era Vargas é marcada pela ascensão acentuada de uma burguesia industrial urbana, na qual a Igreja e o apostolado católico tinham presença marcante. A intensificação desta burguesia urbana leva à uma centralidade ainda maior do Rio de Janeiro na resolução das questões nacionais.

A partir das agremiações e instituições novas e já existentes, a hierarquia católica alcançou, através da “cultura católica superior” da qual fala Alceu, incidência nas esferas decisórias que projetavam os rumos da nação. A LEC, fundada em 1932, tinha como objetivo a organização dos católicos visando a Constituinte que seria responsável por formular a nova constituição. Após a derrota significativa na reforma constitucional do governo Artur Bernardes em 1924-26, o laicato viu a necessidade de se organizar melhor, a partir de um polo único, para garantir que as reivindicações fossem atendidas. Assim, a LEC se preocupou em dar força a nomeações de seu interesse e ter certeza que suas propostas fossem defendidas. Dentre os tópicos, o que mais se destaca – e o mais presente na vida e na militância, não só católica, mas também de outros grupos – é a questão da educação.

IV - A Questão da Educação

Aqui as disciplinas não se desenvolvem como membros desarticulados de um organismo. A formação do homem é integral. [23]

A relevância da formação integral que Padre Franca aborda acima em seu discurso de 1941 reflete o que estava em jogo na mente daqueles que projetavam um futuro sob a égide do catolicismo para a nação. É necessário ressaltar a importância das discussões acerca da educação, principalmente primária e secundária, que ocorreram neste período. Com a virada do século, acompanhada das mudanças que sofria o país, a educação ganhou ênfase na preocupação com a reestruturação da nação. Seria ela o grande motor da transformação, através da qual poder-se-ia resolver os problemas brasileiros.

As inúmeras transformações que vieram com a República – tanto em nível econômico, político e social, como no âmbito cultural – criam um espaço de grandes correntes de ideias, atreladas a um momento de instabilidade e mudança que abriu caminho para pensar a educação como elemento basilar na construção de uma nação moderna. Sobre esse contexto, Jorge Nagle afirma:

Uma das maneiras mais diretas de situar a questão consiste em afirmar que o mais manifesto resultado das transformações sociais mencionadas foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico: de um lado, existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro. [24]

A partir da década de 1920, o ideal um tanto quanto genérico de difusão da escolaridade para as classes mais populares vai ganhar formulações das mais diversas no que diz respeito ao modo como o ensino se dá, e como este ensino é capaz de formar o homem para ser agente na transformação da nação. Duas correntes se destacam nesse período: de um lado, os educadores ligados ao movimento da Escola Nova que caminham na direção dos ideais modernistas e liberais para propor uma escola pública e laica, e se fundamentam em novos modelos vindos da Europa; do outro lado, aqueles vinculados à Igreja Católica e suas instituições de ensino, que propunham a transmissão do conhecimento acompanhada dos valores morais cristãos.

Os modelos de ensino são apropriados pelos grupos intelectuais, que, tendo-os como suas bandeiras principais, defendem não apenas um projeto de educação, mas de ser humano e, em última instância, de nação. As disputas educacionais se traduzem em disputas políticas. O movimento conservador da Igreja Católica, que se opõe ao modernismo e ataca o liberalismo e o laicismo cultural, defendendo a moral cristã, encontra na escola o meio de divulgar sua concepção de mundo e formar os corações e mentes da futura nação. Desde a Carta Pastoral de Dom Leme, o sentimento que reina no movimento católico é o de que ser brasileiro é ser católico. Nesse sentido, Alcibiades Delamare afirma que,

Para atingirmos à Brasilidade, isto é para termos a Pátria reivindicada, restabelecida, entregue a si própria, só o conseguiremos pelo Catolicismo, que é a alma do Brasil. Que valem os projetos de difusão da instrução pública, de guerra contra o analfabetismo, se a instrução nada é sem a educação e a educação nada é sem a religião?
[25]

É por este motivo que a escola ganha importância tão grande dentro da Restauração Católica. A instrução católica não era um projeto incipiente que buscava-se pôr em prática. Era uma realidade nas inúmeras escolas fundadas pelas congregações religiosas que nos primeiros anos da República aqui se instalaram. Mais de cem congregações masculinas entraram no Brasil nos primeiros anos republicanos e boa parte fundou instituições de ensino. Uma delas, a Companhia de Jesus, retomou uma das funções que a caracterizavam na sociedade colonial antes de sua expulsão no século XVIII, ao fundar colégios voltados para as elites letradas como, por exemplo, o Colégio Santo Inácio, criado em 1909 no Rio de Janeiro.

Na década de 1920, as conquistas da Igreja no campo da educação são muito pouco expressivas. A era Jackson dera aos grupos intelectuais católicos combatividade política forte, mas de poucos resultados efetivos no meio cultural ou educacional. A atuação na cultura e na sociedade ocorre de forma dispersa e sem expressividade, e a derrota das emendas católicas na reforma constitucional do governo de Artur Bernardes é expressão dessa falta de alcance do movimento de então. Tânia Salem afirma sobre esse período que “no que tange à educação, pode-se concluir que, se por um lado, é fato que esse momento assinala a aparição

do grupo católico na arena pedagógica, de outro – em termos de avanços concretos –, os resultados atingidos são pouco significativos” [26].

As mudanças políticas e sociais dos primeiros anos da década de 1930 e a reforma de Alceu no Centro Dom Vital trarão novos ares para esta disputa. Em Minas Gerais, é aprovado o ensino do catecismo nas escolas públicas. São criados centros de educação, tanto superiores, como a Associação Universitária Católica (AUC), em 1929, e o Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), em 1932, quanto em relação ao ensino básico e às questões pedagógicas, como a Associação de Professores Católicos, em 1931, e, em 1933, a Confederação Católica Brasileira de Educação. Nesse sentido, Tania Salem afirma:

A ênfase mais cultural imprimida ao movimento a partir de 1928, a criação de organizações leigas especificamente voltadas para um trabalho no setor de ensino e o maior poder de barganha da Igreja vis-à-vis ao Estado - são elementos que propiciam as vitórias alcançadas pelo grupo no campo educacional nos anos seguintes. Nesse sentido, esses fatores evidenciam também o afunilamento da trajetória que os católicos percorrem até desembocar na criação de um centro próprio de ensino superior. [27]

Entre o golpe de 1930 e a Constituição de 1934, as discussões no campo da educação se intensificaram. Apesar dos esforços iniciais e aparentes sucessos da campanha católica, em 1931, o Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos assina um decreto tornando facultativo o ensino religioso nas escolas públicas. Este decreto aguçou as disputas entre religiosos e escolanovistas. Em 1932 é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova que reafirmava o conceito da escola laica. No mesmo ano, forma-se a Liga Eleitoral Católica para arregimentar aliados entre os políticos da Constituinte e garantir pressão popular sobre sua atuação. A Constituição de 1934, após intensos debates, confirma a vitória dos representantes do movimento católico.

Em 1934, Gustavo Capanema assume como novo Ministro da Educação e Saúde. Sobre isso, Peri Mesquita ressalta: “Alceu iria aproveitar a presença de seu amigo Capanema no Ministério da Educação e Saúde para desenvolver uma intensa ‘guerra de posição’, situando intelectuais leigos e clérigos da Igreja em postos-chave naquele Ministério” [28]. A partir deste momento, a presença do grupo católico nas questões educacionais toma outro rumo. A nomeação de Capanema abre as portas do Ministério para as reivindicações do movimento. A luta seria, a partir de então, focada principalmente no tema do ensino superior. A AUC agregava a juventude universitária, promovia ações e debates, enquanto o ICES, fundado já como primeiro germe da futura Universidade Católica, ministrava cursos de nível superior. Peri Mesquita afirma que:

Se a grande batalha moderna está sendo “travada” no campo “das ideias”, a presença da intelectualidade leiga católica em posições chave do Ministério da Educação é imprescindível. Por isso, Alceu não poupou esforços no sentido de “colocar” pessoas de “confiança” e que tenham comprovado serem fiéis “à nossa causa”, em particular aquelas que tenham passado pelos Centros Dom Vital, em postos nos quais e por meio dos quais elas poderiam atuar em favor da Igreja Católica.[29]

É preciso entender que a interpretação feita pelo movimento católico dos conflitos bélicos e crises políticas, econômicas e sociais que marcavam o contexto eram como males que assolavam a civilização e a nação brasileira, provindos todos, em última instância, da decadência moral da sociedade. O afastamento desta em relação aos ensinamentos cristãos seria a causa de inúmeras crises. A instrução religiosa, segundo o ideário católico, seria o

único meio de, ao aliar conhecimento e ciência às virtudes cristãs, reconciliar todas as coisas em Cristo. A partir da hierarquia, surgiria a ordem. A partir da hierarquia católica, surgia a neocristandade. A transmissão de tais virtudes se daria por meio da educação[30].

O projeto pedagógico católico expressa, na instrução, seus valores mais básicos, que pautam suas outras ações. A instrução buscava a formação de um homem culturalmente superior, o intelectual que estaria à frente do povo, conduzindo a nação “de volta a um rumo cristão”. Se a educação básica é responsável por plantar no indivíduo o germe da moral católica, o ensino superior será responsável por formar tal intelectual.

V - Intelectualidade e Romanização

A história nos ensina que foram sempre pequenos grupos de espíritos selecionados que dirigiram os acontecimentos e mudaram a face dos povos e dos tempos. [31]

À luz dos acontecimentos desta época, deve-se buscar compreender como o grupo católico – não somente o clero, mas também o laicato – entende a forma de atuação mais efetiva para atingir o coração da nação e efetivar seu projeto. A forma como o clero entende a sociedade e sua forma de atuação sobre ela, expressa na afirmação de Alceu Amoroso Lima, reproduzida acima, está fundada numa tradição de *modus operandi* da elite intelectual que, nas Américas, vai ao encontro da tendência romanista do catolicismo que ganha força na modernidade. Essa confluência de tradições levará a uma intensa institucionalização ocorrida nos meios letrados que, por sua vez, colocará em primeiro lugar a fundação de uma instituição de formação dessa intelectualidade. Por esse motivo, Dom Leme, como afirma Peri Mesquita:

(...) Dirige todo o seu esforço intelectual e operacional no sentido de criar dentro e para a Igreja uma camada de intelectuais que assegurassem o consenso não somente na sociedade civil, mas que também atuassem no aparelho de Estado permitindo à Igreja ser o elemento de sedimentação de um novo bloco histórico.[32]

Esta intelectualidade católica seria o ponto principal através do qual a Igreja exerceria seu poder. A reconstituição da catolicidade no imaginário da população se daria, segundo a Igreja, a partir da luta pela visão católica de educação e da formação de uma intelectualidade leiga católica que atuará como força motriz da mudança cultural.

Não se deve ignorar o fato de que existiram, antes desta mobilização de Dom Leme, intelectuais ligados à Igreja e empenhados em defendê-la. A partir de Jackson de Figueiredo, porém, surge um novo tipo de intelectual católico – militante, envolvido nas disputas sociais e políticas, representante do ideário da Igreja – que seria a expressão secular da busca pela neocristandade, pois

Jackson acendeu um poderoso movimento baseado no conceito de regeneração moral nacional e na mobilização dos intelectuais católicos. Sua orientação europeia coincidiu com a dos intelectuais católicos de classe alta, que não foram influenciados pelos movimentos nativistas da época. As soluções que ele propôs para um Brasil sitiado não diminuíram – ao contrário, ampliaram – a confortável relação com o governo, recentemente conquistada com dificuldade. Em poucas palavras, Jackson deu à elite da Igreja o que ela queria. [33]

O Centro Dom Vital sob a direção de Jackson de Figueiredo foi a expressão da ideologia restauradora da Igreja. “Foi graças a Jackson de Figueiredo, em conluio com Dom Leme, que se presencia pela primeira vez no Brasil o engajamento de intelectuais católicos na vida pública” [34], afirma Tânia Salem. Essa intelectualidade, que desde sua formação irradia

do Centro Dom Vital – e que conseqüentemente na era Jackson tem característica combativa de forte cunho político – tem, com Alceu Amoroso Lima, uma reformulação. A atuação do apostolado católico ganha âmbito cultural que o permite penetrar mais profundamente nas camadas populares e do governo. O Padre Leonel Franca, eleito por Dom Leme para ser assistente eclesiástico do Centro Dom Vital, coroa esta nova faceta da instituição. Seus escritos e sua atuação reafirmam e fortalecem os novos rumos que tomava o Centro. Franca tinha uma preocupação específica com o apostolado acadêmico, e sua preocupação com o ensino superior também será um ponto chave nessa nova fase da intelectualidade católica.

Em suma, sob a tríplice liderança de Dom Leme, Alceu e Franca, o movimento sofre uma mudança de angulação. A ideia professada pelo bispo – em concordância com os desígnios da Santa Sé – de que a função espiritual da Igreja estaria estreitamente ligada a uma missão cultural, é estimulada por esses dois colaboradores que, ao contrário de Jackson de Figueiredo, eram personalidades intelectuais. [35]

A busca por uma intelectualidade católica deve ser pensada, de um lado, segundo Gramsci, quando afirma que

(...) todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção, cria para si, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função não só no campo econômico, mas ainda no campo social e no político [36].

Esse grupo, por outro lado, porta uma singularidade própria em relação à Restauração Católica no Brasil. O lugar da intelectualidade na América luso-hispânica deve ser pensado em meio a uma tradição que remonta à formação das cidades no período colonial, quando estas tiveram seu início. No livro “A Cidade das Letras”, Angel Rama estuda a fundação das cidades no Novo Mundo diretamente ligada à centralidade dos círculos letrados que para cá vieram. Esses círculos letrados, dominando os signos, conduziram a criação das cidades fundamentadas num ideal racional prévio. A ordem dos signos, sobreposta à ordem física da cidade, lugar de poder e de manutenção da ordem, era “posta a serviço da monarquia absoluta de ultramar” [37]. Dentro da cidade colonial física, que constituía a parte material visível e sensível da ordem colonizadora “sempre houve outra cidade, não menos amuralhada, nem menos agressiva e redentorista, que a regeu e conduziu” [38].

Trata-se – segundo Rama - da cidade letrada, porque sua ação se cumpriu na ordem prioritária dos signos e porque sua qualidade sacerdotal implícita contribuiu para dotá-los de um aspecto sagrado, liberando-os de qualquer servidão para com as circunstâncias. (...) Os séculos da colônia mostram reiteradamente a surpreendente magnitude do grupo letrado que em sua maioria constitui a frondosa burocracia instalada nas cidades a cargo das tarefas de comunicação entre metrópole e sociedades coloniais. [39]

A cidade letrada, portanto, foi formada com duas finalidades: a transculturação – que no primeiro momento é caracterizada pela evangelização dos índios – e a administração burocrática – de contato direto com a metrópole. Esse *topos* do grupo letrado na formação da sociedade colonial se mantém através de inúmeras mudanças sociais. Ainda segundo o autor,

Por trás dessas percepções, podemos ver outra coisa: o sobrevivente poder da cidade das letras além da independência e o forçoso epigonalismo que se registra entre seus membros, religando-os fervorosamente às origens, quando uma constituição do grupo

intelectual se conserva por tanto tempo sem modificações significativas. [40]

A partir disso, pode-se entender a importância da intelectualidade nas Américas de modo distinto daquela na Europa. Essa atua de modo intrínseco na administração e como força motriz de mudanças.

Pensar o lugar da intelectualidade católica exatamente como o dos grupos letrados da sociedade colonial barroca seria cair num errôneo anacronismo. Porém, sua centralidade na formação das cidades coloniais é importante para se pensar a tradição intelectual e o lugar que essa mantém nas Américas ao longo dos séculos, além dos principais meios através dos quais se organiza e sua relação com a cidade em si. Uma das características mais marcantes da cidade letrada é a capacidade dos seus membros de se institucionalizar. A institucionalização das camadas letradas – em seminários, colégios, capítulos e outros – a partir de suas funções específicas foi um meio de fortalecimento, “procurando tornar-se um poder autônomo dentro das instituições do poder a que pertenceram” [41]. Assim, pode-se perceber a capacidade de funcionamento autônomo da intelectualidade em nossa sociedade. A relação direta dos letrados com a metrópole e sua atuação na administração burocrática os põe num lugar específico ao mesmo tempo de ligação e autonomia.

Essa característica que tal tradição traz consigo se identifica, nos meios católicos, com o crescente ideário romanista da Igreja no século XX. Este ideário, amplamente difundido no Brasil, é fundamentado na formação de espaços e instituições católicas, a partir das quais a religião se organiza. Sobre o romanismo, Riolando Azzi afirma:

O núcleo central desse pensamento gira ao redor da instituição eclesiástica, que deve ser prestigiada e fortalecida de modo absoluto, sem aceitação de qualquer tipo de crítica. Portadora dos meios de salvação, essa Igreja hierarquizada e comandada pela Santa Sé continua a constituir um bastião da ordem social conservadora, opondo-se tenazmente a todos os movimentos de caráter político, econômico ou social que apresentem projetos de alterações significativas nas estruturas vigentes. [42]

A proximidade do episcopado – que deve ressaltar o caráter nacional da religião – com o ideário romanista – que afirma o seu aspecto internacional, de centralismo romano – vai dar às instituições religiosas uma função única. A busca pela nova cristandade, que só pode ser plena se tiver Roma em seu centro, se dará através de instituições católicas ligadas diretamente à Santa Sé, enquanto o episcopado as aproxima da realidade brasileira. A neocristandade não poderia se concretizar, se não, pela fé do povo – e terá nos centros católicos o ponto irradiador dessa catolicidade. O pensamento hierárquico romanista da Igreja dá a esses centros católicos um lugar similar àquele dos grupos letrados de que fala Rama. A Santa Sé, fazendo a função da metrópole, tem através das instituições o ponto de irradiação de seu poder. Ademais, é a partir delas que a administração burocrática toma forma.

A intelectualidade católica, de cunho conservador, em concordância com a expressão “restauração”, que dá nome à posição do catolicismo nesse momento, se opõe ao modernismo e as forças liberais. Reformula-se para se adaptar à condição da sociedade moderna e, a partir dela, conduzir as mudanças sociais que enfrenta. Assim, reforça e readapta o caráter de “adaptável freio” da cidade letrada, pelo qual assume “sua capacidade de adaptação à mudança e ao mesmo tempo seu poder de refreá-lo dentro dos limites previstos, recuperando um movimento que escapava de suas mãos” [43].

Os intelectuais católicos ganham, portanto, papel central na recuperação, por parte da Igreja, da condução das questões nacionais. Exaltando a instituição religiosa e inserindo-se nela, a elite intelectual, que é formada e irradiada a partir do Centro Dom Vital, aproxima a

nova cristandade dos dirigentes nacionais. Os grupos intelectuais católicos, principalmente a partir de Alceu Amoroso Lima, se disseminam em variadas associações e instituições através das quais a reação católica se ramifica e pode se posicionar de forma mais atuante e diversificada. A centralidade da questão educacional na época e a presença do Padre Leonel Franca no Centro Dom Vital dão ao campo da instrução uma importância única. Diante dessa configuração, uma universidade católica, há muito sonhada, que seria responsável pela formação de uma elite intelectual instruída na moral religiosa, se torna a aspiração mais importante para a afirmação deste grupo como poder condutor dos rumos de uma nação cristã.

VI - O caminho até a Universidade

Realiza-se nela uma das mais antigas, mais ardentes, e mais justas aspirações dos católicos brasileiros. [44]

Como afirma Afonso Penna Junior, a ideia de fundar uma universidade católica no Brasil nos moldes da Universidade de Louvain, fundada na Bélgica em 1425, não era recente. Ao contrário, desde o século anterior encontra-se discursos que afirmam a necessidade da Universidade para o Brasil. Apesar de antiga a ideia, o projeto da universidade terá seus primeiros passos apenas a partir da mudança que Alceu Amoroso Lima confere à Restauração. O Centro Dom Vital passou a ministrar cursos de ensino superior de várias disciplinas “que interessavam mais de perto a formação católica” [45]. Em 1929 é fundada a Associação dos Universitários Católicos (AUC) – em 1935 se torna Juventude Universitária Católica (JUC) -, que busca efetivar a ação católica no seio da juventude universitária. A AUC busca aproximar a Ação Católica dos meios universitários para uma expansão do ideal de formação superior que pregava. Segundo Salem,

O fato de a primeira ramificação do Centro D. Vital ter se verificado no campo da atividade universitária estava em perfeita congruência com o ideário que governava o movimento. (...)Na ausência de um templo próprio de ensino superior, a Igreja, através da Associação dos Universitários Católicos, se infiltra nesse domínio com o intuito de catolicizar essas consciências em formação e se opor, por meio de uma ação organizada, à disseminação de valores contrários ou competitivos aos seus nesse meio. [46]

Apesar dessa aproximação, é apenas com o Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), fundado em 1932, subordinado à Coligação Católica Brasileira, que o projeto da universidade tem seu primeiro passo. A necessidade do ensino superior católico é visto como de extrema importância pelo episcopado e pelos intelectuais. O ICES é o germe da Universidade Católica, os cursos nele ministrados serão a base na qual esta se erguerá. Em 1931 e 1932, são ministrados congressos de educação no Centro Dom Vital de São Paulo, e em 1934 ocorre o I Congresso Católico de Educação, no Rio de Janeiro. No ano anterior, tinha sido formada a Confederação Católica de Educação. Apesar de São Paulo se antecipar ao Rio, os congressos ministrados na capital paulista são de repercussão regional. Na capital federal, os debates que tomam força nos estados ganham alcance nacional.

Após a fundação do ICES e da bem sucedida campanha na Constituinte de 1933, a educação católica se torna tema menos recorrente nos escritos d'A Ordem. O movimento entra num período de relativa calma e moderação [47]. A partir de 1937, as conquistas no campo do ensino superior tornam-se mais expressivas e a ideia de uma universidade católica, mais próxima. Neste mesmo ano é fundado o Instituto de Educação Social e Familiar. Este, em seu ano de fundação, cria o Instituto Social. Em 1938, a Congregação de Universidades e Seminários, em nome do Papa Pio XI, envia uma carta delegando a Dom Leme um mandato especial para fundar a Universidade. Em 1939, o papado reforça a exortação anterior

oferecendo a quantia de duzentos mil contos de réis para a fundação. Neste mesmo ano, o Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, em carta pastoral, determina a fundação imediata de uma Universidade Católica que seria a “glória da nossa geração” [48]. Os preparativos são acelerados e, em 1940, Dom Leme confia à Companhia de Jesus, na figura do Padre Leonel Franca, a direção pedagógica e administrativa da futura instituição. Os jesuítas, tradicionalmente vinculados à função de educadores, seriam, segundo o arcebispo, os mais aptos a levar a cabo o projeto de instrução da juventude nos caminhos cristãos.

A comissão organizadora das Faculdades Católicas, encabeçada por Franca e Alceu, é incumbida da criação da Sociedade Mantenedora das Faculdades Católicas. Na festa de São Luis, em 20 de julho de 1940, são lidos os Estatutos da Sociedade Civil “Faculdades Católicas”. Esse nome, provisório, foi dado à instituição enquanto esta não podia ser denominada Universidade, devido à lei que previa que uma universidade deveria ser composta por ao menos três faculdades. Em 1941 começam as aulas e, com elas, as demais atividades acadêmicas.

A escolha das duas faculdades iniciais e seus cursos, a partir dos quais a Universidade se desenvolveria, é expressão do ideário católico e da função que se esperava da instituição nascente. As faculdades de Filosofia e Direito formam o núcleo de atuação de que o apostolado intelectual necessitava. Na Faculdade de Filosofia, que tinha seu corpo docente formado por mulheres em sua grande maioria e que respondia em seus primeiros anos por quase a totalidade dos alunos matriculados nas duas faculdades, a instituição consolida o seu centro doutrinador sobre as sólidas bases do estudo das humanidades e das belas letras que conformavam a intelectualidade letrada. Segundo Tânia Salem, Alceu Amoroso Lima afirma a opção pelas Humanidades em seu pronunciamento na abertura dos cursos, ao sublinhar “a importância da orientação espiritualista na formação do professorado secundário que, com uma educação impregnada de sobrenaturalismo, se responsabilizaria por disseminar os dogmas cristãos pelos outros níveis do ensino [49]. Para além de sua função social nas escolas, as futuras professoras exerceriam seu papel de educadoras também nos lares, na formação e perpetuação dos valores cristãos nos núcleos familiares de uma elite patriarcal em que a vida pública, salvo raras exceções, estava destinada aos homens. Assim, os cursos de Filosofia, Letras Clássicas, Letras NeoLatinas, Letras Anglo-Germânicas, Geografia e História, Ciências Sociais e Pedagogia têm lugar de extrema importância para a espiritualização da intelectualidade e dos meios letrados. O domínio da letra é expressão desta faculdade.

A escolha específica de uma faculdade de Direito como uma das bases da instituição é interessante no que tange às aspirações do meio católico no período de Restauração. Considerando-se que grande parte das elites políticas era formada por juristas e advogados, um curso de direito – que basicamente se destina à formação dos mesmos em uma educação cristã – é pensado como um componente principal para a penetração do ideário católico na administração pública. A importância dos advogados e burocratas da lei tem seu fundamento também na tradição da *cidade letrada*. Estes ganharam importância na formação e manutenção da sociedade colonial, por serem, por muito tempo, os detentores da lei e da escrita jurídica. A Faculdade de Direito é, portanto, o centro ideal para compor este primeiro momento da Universidade juntamente com a Faculdade de Filosofia.

Em 1942 morre o cardeal Dom Sebastião Leme. Patrono e fundador das Faculdades Católicas, Dom Leme foi a primeira liderança de peso do catolicismo brasileiro no século XX. Sua atuação, da Carta Pastoral de 1916 ao cardinalato e além, tornou possível, em muitos aspectos, que a Restauração Católica se concretizasse.

Em 1944 é agregada a Escola de Serviço Social, proveniente do antigo Instituto Social, fundado em 1937 e, em 1946, um decreto-lei autoriza a congregação das Faculdades de

Filosofia e Direito e a Escola de Serviço Social a formar uma Universidade. Ela é a primeira universidade privada do país. No ano seguinte, em 1947, um decreto da Sagrada Congregação de Seminários e Universidades, reconhecendo a Universidade Católica, concede a ela o título de Pontifícia. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ganhava o nome pelo qual é conhecida até os dias de hoje.

É importante observar que havia instituições católicas de ensino superior no país anteriores às Faculdades Católicas, como o próprio ICES. No Rio de Janeiro, em 1939, sob a benção do Padre Franca, as Irmãs Ursulinas criam a Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras – que se tornaria o Instituto Santa Úrsula e, posteriormente, Universidade Santa Úrsula. Em São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento funcionava desde 1908 e seria o centro a partir do qual a Universidade Católica de São Paulo se formou. Por último, a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, núcleo do que viria a ser a Universidade Católica do Rio Grande do Sul, fundada em 1931, também merece ser recordada.

A Restauração Católica, em seu discurso e atuação, buscava uma revitalização nacional, uma atuação na população brasileira e um alcance que o catolicismo deveria ter para que a nação com um todo prosperasse. Percebe-se que, apesar de manifestações do grupo católico e instituições religiosas surgirem em outros estados, como Minas Gerais e São Paulo, onde os meios católicos tiveram grande atuação, é a partir do Rio de Janeiro que esse pensamento se irradia, e é a partir da então capital federal que ganha repercussão nacional. Deve-se questionar, então, não somente o papel que o movimento católico teve no Rio de Janeiro, mas a influência que esta Cidade teve sobre os católicos.

VII - A Capitalidade do Rio de Janeiro

Entre as múltiplas ocupações e preocupações do Pontificado, no momento atual, o Pai comum dos fiéis não esqueceu o Brasil e sua Universidade. [50]

Durante o período de Restauração católica, é possível ver a força que diversas regiões tiveram na retomada do contato próximo entre Igreja Católica e Estado. A centralidade do Rio de Janeiro na condução das questões nacionais é inegável. Porém, mais do que isso, o Rio assume lugar central de representatividade de um movimento que ganha nível nacional, ao passo que é alterado a partir desse. A respeito disso, as palavras acima do Padre Franca são elucidativas. O “Pai comum dos fiéis”, ao lembrar-se do Brasil, dá a Dom Leme a missão e as condições para uma universidade, que seria fundada no Rio, para a nação. A princípio, pode-se perguntar qual é o papel da Restauração na Cidade do Rio de Janeiro. Porém, cabe o questionamento: qual é o papel do Rio de Janeiro na Restauração Católica?

Vale lembrar, antes, a força que outras regiões tiveram na Restauração. A Arquidiocese de Olinda e Recife, de onde Dom Leme escreveu sua famosa Carta Pastoral, era um pólo forte do catolicismo brasileiro. Durante sua permanência em Olinda, Dom Leme luta para que o catolicismo seja ensinado nas escolas, cria o Conselho Central da Doutrina Cristã, entre outras ações que refletem as reivindicações nacionais da Igreja. Verifica-se também que os estados de São Paulo e Minas Gerais tinham força peculiar. Em Minas, o ensino religioso é tornado facultativo nas escolas públicas em 1929, e entre 1931 e 1932, o Centro Dom Vital de São Paulo, antecipando-se ao Rio, promove congressos de educação. É o Rio, porém, que dará o tom do movimento.

Isso ocorre, principalmente, pois o Rio carrega em si, além do fato de ser capital político-administrativa do Brasil, um sentido de capitalidade [51] que lhe confere uma função alegórica do projeto de modernização do país levado a cabo por parte de uma elite governante que associa esse processo aos ideias de civilização e progresso. Nos primeiros anos da

República, o esforço de modernização do Brasil é metaforizado no intenso esforço empreendido pelo governo de modernizar a capital do país. As reformas na capital federal, que traziam em si um discurso não apenas de modernização da cidade, mas da nação, bem como as obras de cronistas, jornalistas, poetas e outros que através da sua escrita a ressignificavam, evidenciam sua dimensão de “microcosmo do país” [52]. A natureza vista na cidade se torna, também, representação da exuberante natureza do Brasil. Instituições já tradicionais como a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes ou recém fundadas como o Jornal do Brasil, por exemplo, para além de indicarem uma continuidade funcional da cidade capital, reforçam, no nome, na arquitetura e localização monumental em plena Avenida Central, seu lugar como núcleo irradiador de identidade para o país. Essas identidades, memórias e projetos, que têm seus conteúdos alterados a cada período, neste momento evidenciam a capital federal como representação das questões nacionais

Pensando-se o Rio das décadas de 1920 e 1930, é necessário operar o conceito com cuidado. Na Primeira República a capital é uma alegoria do poder que é exercido, de fato, pelas oligarquias estaduais. Essa posição de representatividade do que acontece no país se expande para as questões nacionais – culturais, educacionais etc. - e o Rio se torna o modelo de modernização que reflete o rumo da nação. Apesar das mudanças na estrutura de poder e de seus agentes, principalmente após 1930, a representatividade que o Rio de Janeiro assume mantém-se como fator importante ao se pensar as questões e projetos nacionais que estavam em disputa, assim como as obras que, simbolicamente, exprimiam o que estava em jogo no Brasil.

Essa capitalidade se expressa, portanto, numa atuação direta na paisagem da cidade. Isto fica evidente, por exemplo, na construção do Cristo Redentor no alto do Morro do Corcovado. A construção da estátua do Cristo no cume do Maciço da Tijuca erguer-se-ia como um bastião na capital do país, como um apelo à nação para que retome ao rumo cristão. Escrevendo, em 1931, sobre a nova constituinte a ser formada, Dom João Becker, do Rio Grande do Sul, escreve:

Como no coração do país, no cimo do Corcovado, a imagem alterosa de Cristo, assim no centro da nova República, que é a constituição, deverão se erguer as tábuas da lei de Deus. [53]

A cidade constituída nas Américas como “parto da inteligência”, segundo Rama [54], se faz a partir de um projeto racional prévio. Tal projeto, trabalhado e posto em prática pela intelectualidade, terá sua expressão na formação e nas mudanças das cidades. É nessa configuração que o Centro Dom Vital - cujo cerne de intelectuais, principalmente Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, deu a configuração básica à intelectualidade católica militante – surge no Rio e se espalha pelo Brasil em diversas replicações. O Centro, em São Paulo, ganha rapidamente uma força expressiva, mas suas ações raramente extrapolam o âmbito regional. Do mesmo modo, as conquistas que Dom Cabral alcança em Minas Gerais se mantêm como política estadual. As vitórias no campo da educação em Olinda, conquistadas pelo próprio Dom Leme, se mantiveram também com um alcance local.

É por isso que, apesar de outras Faculdades de cunho católico – como a de São Bento, em São Paulo, e a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, em Porto Alegre – é no Rio que a Universidade Católica “para o Brasil” é criada, com as bênçãos do episcopado, do Estado Novo e da Santa Sé. As Faculdades Católicas pretendem representar um projeto para o país, e seus oitenta e quatro alunos são expressão do início da formação intelectual católica que serviria a toda a nação. A Universidade Católica brasileira é criada para levar a cabo o projeto de nação. Esta só se torna “do Rio de Janeiro” após a criação da Universidade Católica de São Paulo como meio de diferenciação. O projeto de nação, cujas disputas mobilizaram o

país como um todo, teve na capital federal sua síntese expressa nas Faculdades Católicas que, dos limites espaciais do Colégio Santo Inácio, representava os rumos nacionais.

A expressividade do lugar físico e simbólico – estreitamente conectados – evidencia o que significava a Universidade. Fundada ao lado do colégio dos jesuítas, em Botafogo, as Faculdades Católicas firmavam seu lugar no centro de uma elite ascendente que, segundo seus fundadores, seria a condutora dos rumos do país. Seu lugar físico evidencia o lugar simbólico que ocupava. Na rua São Clemente, em que antigas e novas oligarquias dividiam espaço entre si e o retalhavam para novos setores de serviço como expressão no tecido urbano das profundas e aceleradas transformações econômicas e sociais que ocorriam no país, a instituição se firmava, de acordo com os discursos de seus fundadores, como transmissora da moral cristã às camadas intelectuais e dirigentes responsáveis, aos seus olhos, pelo futuro da nação.

VIII - Conclusão

A fundação do que virá a ser a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro se deu num contexto muito maior da busca de um ideal e de uma intelectualidade católica atuante no país, que traria a nação de volta a um rumo cristão. Na visão do movimento, as mazelas e as dificuldades que o país e o mundo enfrentavam eram, sobretudo, decorrentes de um esvaziamento da moral na sociedade.

A Universidade Católica do Brasil, assim denominada por seus fundadores, agrega, em sua natureza, aspectos capitais da Restauração. A centralidade que a questão da educação assume na primeira metade do século XX é absorvida pela Igreja como a necessidade da formação plena do indivíduo, não apenas pelo ensino das ciências, mas pela instrução deste na vida e na moral cristã a partir de um ensino integral. Essa questão será combatida em duas frentes, tanto na escola basilar como na educação superior. Na educação superior, destacou-se a necessidade de formar uma juventude intelectual cristã, que atuaria diretamente na condução do país e possibilitaria uma maior penetração dos ideais católicos na nação que, segundo os mesmos, perdera seu rumo em meio às ideias liberais e laicistas. Esta intelectualidade, que tem em Jackson de Figueiredo uma referência e em Alceu Amoroso Lima uma reformulação, ocupa um lugar estratégico para a penetração das forças do episcopado diretamente na administração do país, por um lado, e na atuação na sociedade, de outro. A posição do intelectual na América Latina, a partir do conceito de *cidade letrada*, chama a atenção para como esta atua no cenário nacional e conduz, em última instância, o desenvolvimento físico da cidade e do país, através de seu domínio dos signos, que se evidencia, por exemplo, dentre vários acontecimentos, na construção do Cristo Redentor no alto do Corcovado. A importância da intelectualidade, por outro lado, evidencia a visão de sociedade na qual a Igreja se insere. A hierarquia como mantenedora da ordem faz-se sentir na atuação e na importância que os religiosos dão à atuação da intelectualidade na sociedade. A Restauração acontece de cima para baixo.

A tendência de institucionalização que os grupos letrados tradicionalmente carregam vai ao encontro do ideário romanista, muito presente na Igreja do Brasil. A criação de mundos católicos à parte da sociedade, a partir dos quais se atua nela, é a característica mais marcante da busca pela nova cristandade, num mundo moderno em que Estado e religião não podem mais estar diretamente ligados, mas se relacionam num regime de cordialidade mútua.

A atuação da *cidade letrada* na ordem dos signos se faz sentir, em última instância, na ordem física da cidade. Essa é trabalhada e ressignificada ao passo das mudanças que ocorrem. A influência da Restauração católica na cidade deve ser posta à frente da influência que a cidade tem sobre a Restauração. A capitalidade do Rio de Janeiro, herança dos primeiros anos da República, faz com que este crie um ambiente de representatividade do

todo. O que acontece no Rio reflete as discussões e dificuldades da nação. Ou seja, o Rio se torna um “microcosmo” do Brasil.

A centralidade da questão da educação no imaginário intelectual, sendo essa vista como o motor de toda mudança, associada ao crescente processo por parte da Igreja de criação de mundos cristãos próprios, a partir dos quais pode ganhar força, tornou possível a construção de colégios católicos e, como coroação do movimento – que há muito sonhava com isso –, a criação em 1940 da Universidade Católica, confiada aos jesuítas, fundada no bairro de Botafogo, no Palacete Joppert, ao lado do Colégio Santo Inácio, que olhava para o Brasil e via à sua frente o desafio de “restaurar todas as coisas em Cristo” [55].

IX - Referências

01 - GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 143-179.

02 - FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário das Faculdades Católicas, 1941**. Rio de Janeiro, 1942, p. 05.

03 - Idem. Ibidem. p. 66-67.

04 - Padre Leonel Franca em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. Idem. Ibidem. p. 65

05 - GRAMSCI, A. "Maquiavel, a política e o Estado moderno". Apud: CASALI, Alípio. **Elite Intelectual e Restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 24.

06 - "We proclaim that We have no other program in the Supreme Pontificate but that "of restoring all things in Christ" (Ephes. i., 10), so that "Christ may be all and in all" (Coloss. iii, 2)". In: PIO X. **E Supremi**: encyclical of Pope Pius X on the restoration of all things in Christ. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_04101903_e-supremi.html> Acesso em: 25 jun. 2015. (Tradução livre).

07 - AZZI, R. **A Neocristandade: Um Projeto Restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994 – (História do pensamento católico no Brasil; v. 5), p. 21-22.

08 -Idem. Ibidem. p. 22.

09 - MOURA, C. A. S. “Restaurar Todas as Coisas em Cristo”: Dom Sebastião Leme e os diálogos com os intelectuais durante o movimento de recatolização no Brasil. In: RODRIGUES, Cândido M.; PAULA, C. J. (Org). **Intelectuais e Militância Católica no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2012.p. 18

10 – AZZI, R. Op. Cit.

11 - Afonso Penna Junior em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. FACULDADES CATÓLICAS. Op. Cit. p. 70

12 - A Carta Pastoral de S. Em. Cardeal D. Leme quando Arcebispo de Olinda, saudando os seus diocesanos. In: DIAS, Roberto Barros. **“DEUS E A PÁTRIA”**: Igreja e Estado no

processo de Romanização na Paraíba (1894-1930). João Pessoa, 2008. (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. p. 201, 203.

13 - SALEM, Tânia. Do Centro Dom Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, p. 97-134. Disponível em <<http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm>> Acesso em: 02 jun. 2015.

14 - AZZI, Riolando. Op. Cit. p. 23

15 - AZZI, R. O Início da Restauração Católica no Brasil (1928-1930). **Síntese**, vol. 4, n. 10, p. 61-90, 1977. p. 62.

16 - AZZI, R. **A Neocristandade: Um Projeto Restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994 – (História do pensamento católico no Brasil; v. 5), p. 33.

17 – CASALI, Alípio. Op. Cit. p. 81.

18 - AZZI, R. Op. Cit. p. 69

19 – Idem. Ibidem.

20 - SALEM, Tânia. Op. Cit.

21 - Tristão de Athayde. **A Ordem**, ano 8, vol. 1(nova serie), p. 5-6, 1928.

22 - CASALI, Alípio. Op. Cit. p. 87.

23 - Padre Leonel Franca em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. **FACULDADES CATÓLICAS**. Op. Cit. p. 68.

24 - NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974. p. 99-100.

25 - DELAMARE, Alcibíades. As Duas Bandeiras. p. 16 e 111. Apud: Idem. Ibidem. p. 105.

26 - SALEM, Tânia. Op. Cit.

27 - Idem. Ibidem.

28 - MESQUITA, Peri. Educação na Restauração Lemista da Igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 279-295, maio/ago. 2009. p. 285.

29 - Idem. Ibidem. p. 288.

30 - SALEM, Tânia. Op. Cit.

31 - Alceu Amoroso Lima em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. **FACULDADES CATÓLICAS**. Op. Cit. p. 75.

32 - MESQUITA, Peri. Op. Cit. p. 282.

33 - TODARO, Margareth. Jackson. Apud: ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Em Busca da Idade Nova:** Alceu Amoroso Lima e os Projetos Católicos de Organização social (1928-1945). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 23.

34 - SALEM, Tânia. Op. Cit.

35 – Idem. Ibidem.

36 - GRAMSCI, A. **Quadernidel cárcere.** Apud: MESQUITA, Peri. Op. Cit. p. 282.

37 - RAMA, Angel. **A Cidade das Letras:** A Cidade Letrada. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 37.

38 – Idem. Ibidem. p. 38.

39 – Idem. Ibidem.

40 – Idem. Ibidem. p. 41.

41 – Idem. Ibidem.p. 42.

42 - AZZI, R.A **Neocristandade: Um Projeto Restaurador.** São Paulo: Paulus, 1994 – (História do pensamento católico no Brasil; v. 5), p. 62.

43 - RAMA, Angel. Op. Cit. p. 60.

44 - Afonso Penna Junior em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. FACULDADES CATÓLICAS. Op. Cit. p. 69.

45 – Idem. Ibidem. p. 06.

46 – SALEM, Tânia. Op. Cit.

47 – Idem. Ibidem.

48 - Carta Pastoral, 1939. Apud: CASALI, Alípio. Op. Cit. p. 118.

49 – SALEM, Tânia. Op. Cit.

50 - Padre Leonel Franca em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. FACULDADES CATÓLICAS. Op. Cit. p. 69.

51 - NEVES, Margarida de Souza. Brasil, acertai vossos ponteiros. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E AFINS. **Brasil, acertai vossos ponteiros.** Rio de Janeiro: MAST, 1991. p. 53-65.

52 - Idem. Ibidem. p. 56.

53 - BECKER, João. Cristo e a República. Apud: AZZI, R.A **Neocristandade: Um Projeto Restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994 – (História do pensamento católico no Brasil; v. 5), p. 41.

54 - RAMA, Angel. Op. Cit. p. 21.

55 - PIO X. **E Supremi**: encyclical of Pope Pius X on the restoration of all things in Christ. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_04101903_e-supremi.html> Acesso em: 25 jun. 2015. (Tradução livre).